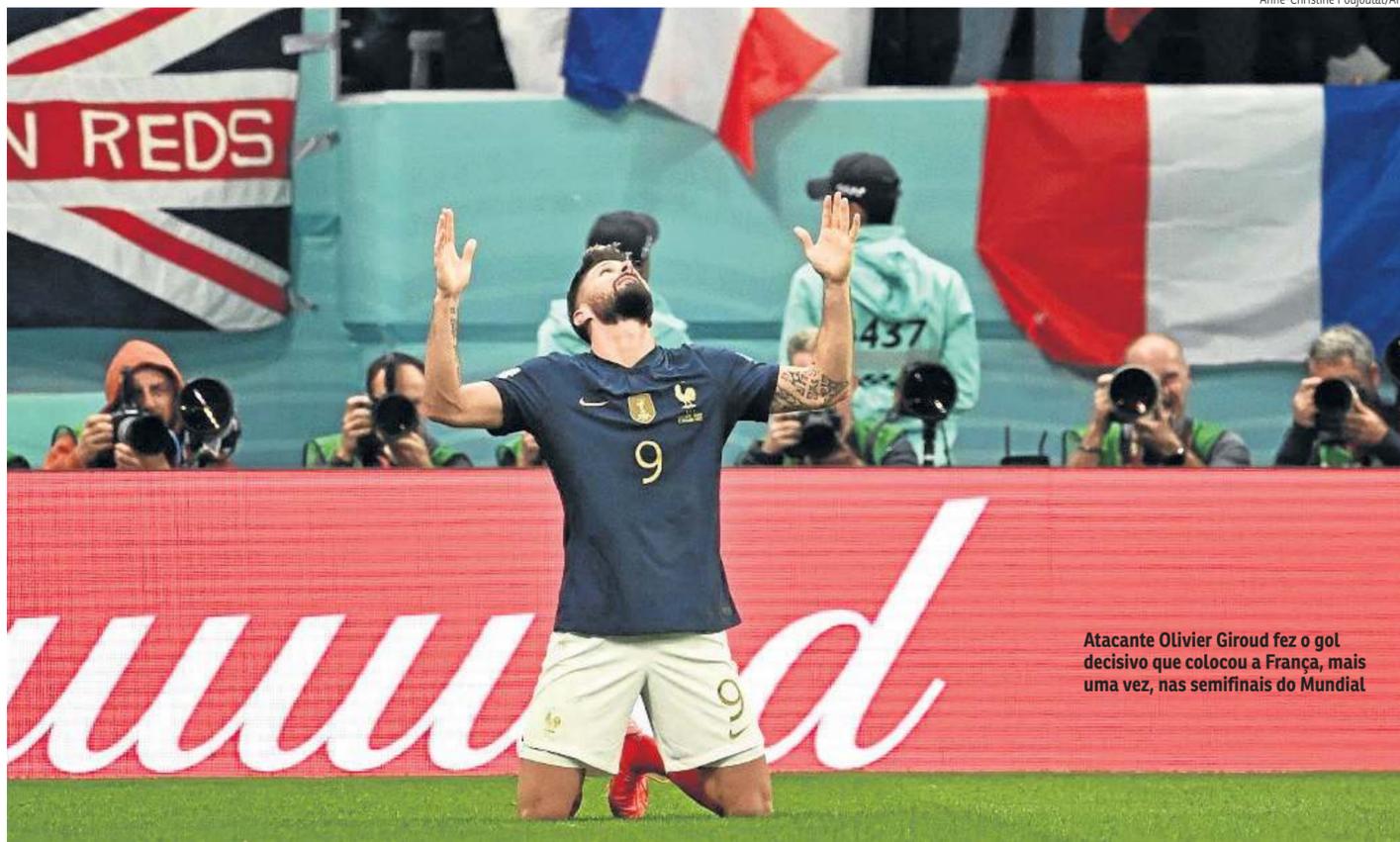




FRANÇA Vitória sobre a Inglaterra reforça o favoritismo dos Blues pelo segundo título seguido



Atacante Olivier Giroud fez o gol decisivo que colocou a França, mais uma vez, nas semifinais do Mundial

Coluna
do Mauro Beting



A monja e a corneta

Quando a Monja Coen, que é a Monja Coen, corneta a Seleção na rede social como se fosse colega de turma de mesa redonda caçando clique sem necessariamente dar o clique mental, a gente tem mais uma dimensão espiritual do que é torcer. Essa profissão de fé que transforma almas iluminadas e elevadas na mais normal e humana versão da gente mesmo. Não que concorde com o que ela falou — eu que, usualmente, concordo com quase tudo que ela ensina. Mas a demonstração de insatisfação, frustração, decepção, o sentimento que mostra que perfeita imperfeição é o ato de torcer e distorcer. Nosso amor incondicional de berço pelas nossas cores. Elas podem nos trair, nos derrotar e nos amaldiçoar. E lá estaremos nessa torcida como se fôssemos também jogadores.

Futebol nos “faz” campeões. Mesmo que nossa participação na conquista seja como a de Cristiano Ronaldo na dolorida queda portuguesa para Marrocos. Estávamos ali. Mas não estávamos. Paixão por um time nos faz acreditar em tudo. Defendemos nossas cores como alguns eleitores abraçam seus candidatos como se fossem quartéis. Até além do recomendado. Mesmo que eles tenham tomado gol de contragolpe com o placar a favor. Mesmo que queiram dar golpe no que é legal. Mesmo que pareça “injusto”.

Apenas a Argentina (e só no segundo tempo da prorrogação) realmente jogou e criou mais chances que a Holanda, nesta fase. Mereceu as semifinais. Portugal criou mais oportunidades que Marrocos e parou nas mãos de Bono. A Inglaterra até pênalti perdeu em grande segundo tempo. Mas ficou aos pés da França. O Brasil é e foi melhor do que a Croácia. E perdeu um jogo dolorido.

Sim: Neymar tinha que ter batido o primeiro. Ou o quarto que acabou letal. Não: Rodrygo podia bater. Só não pode apertar tanto por isso. Como Kane que fez um e perdeu outro. Como Messi não merecia ser excomungado por perder mais um pênalti em Copas. Ele tem mau desempenho dos 11 metros. E, ainda assim, bateu no tempo normal. E o primeiro da série.

Não fugiu da resposta. Mesmo nem sempre dando a melhor resposta nas penalidades que não podem ser máximas aos cobradores que são cobrados à exaustão quando desperdiçam. Como Zico, em 1986. Como Roberto Baggio, em 1994. Como não podem Rodrygo e Marquinhos, em 2022.

Fizeram o que podiam. Mas não rolou. Acontece. Devem ser louvados pelo bom trabalho mesmo derrotado. O que nem sempre acontece.

O gol de empate da Holanda, por exemplo. Genialidade de Weghorst em sacada e jogada ensaiada brilhante. Lance que ele já havia feito há dois anos na Bundesliga. Repetido com êxito em algo raro em futebol tão estudado. Alguém da comissão técnica da Argentina comeu bola ao não saber o que eu também não sabia.

Mas se não sai o gol de empate da Holanda na última jogada da partida, o atacante, Van Gaal e a casa real holandesa caem. Seria de professor Pardal irresponsável e daí pra baixo. Críticas bombardeadas pelos mesmos que exigem inovações e criatividade no esporte...

É mesmo de perder o equilíbrio. Pena que ninguém tenha o reequilíbrio e a categoria da monja para se reconectar.

Sonho do tri segue vivo

MARCOS PAULO LIMA
Enviado especial

Doha — Primeira campeã vigente da Copa a chegar a duas semifinais consecutivas na defesa do título desde o Brasil em 1994 e 1998, a França marcha firme no projeto de se tornar a terceira seleção a conquistar dois títulos mundiais consecutivos. Ontem, Mbappé e companhia venceram a Inglaterra por 2 x 1 e estão novamente entre os quatro melhores. Na quarta-feira, os comandados de Didier Deschamps enfrentarão Marrocos pela vaga na segunda final consecutiva, a quarta no torneio. Eliminados, os ingleses seguem em jejum desde 1966.

O volante Tchouaméni abriu o placar para a França no primeiro tempo, mas Harry Kane igualou de pênalti na etapa final. Giroud recolocou os bicampeões à frente e viu Kane desperdiçar a cobrança que poderia ter levado o clássico para a prorrogação.

Inglaterra e França não dueliavam em mundiais havia 40 anos

e não desperdiçaram a chance de entreter o público na tenda árabe erguida no deserto com um banquete tático, técnico, rico no debate de conceitos de futebol e com emoção do início ao fim.

A França tomou as rédeas do jogo e tentou se impor desde o início com variação de opções para atacar pela direita, esquerda e o meio. Ao contrário do Brasil, por exemplo, dependente de Neymar, os gauleses encontraram alternativas diante da forte marcação inglesa no astro Mbappé. Griezmann e Dembele eram as válvulas de escape. As tramas pelos dois lados quase sempre buscavam Giroud.

Agressiva, a França deu trabalho ao goleiro Pickford em uma cabeçada do camisa 9. O repertório da trupe de Didier Deschamps incluía ações ofensivas pelo meio. Em uma delas, Tchouaméni recebeu a bola depois de um lindo lance iniciado por Mbappé com toques na bola de Upamecano, Dembele e Griezmann e chutou de pé direito para colocar a bola no canto

direito da Inglaterra aos 16 minutos do primeiro tempo.

Os ingleses tinham a posse de bola, mas sofriam com as rápidas transições em contra-ataque. Atrás no placar, avançaram o time, passaram a ocupar o campo da França e se tornaram mais verticais e objetivos. Lloris começou a aparecer no jogo. Defendeu cheio de pose uma cobrança de falta de Shaw. Em outro lance, fechou a meta para o centroavante Kane, protagonista de um belo giro na frente de Upamecano. O duelo à parte entre Kane e Lloris continuou em um chuteado de fora da área.

A Inglaterra seguiu para o intervalo com a sensação de que o gol de empate estava amadurecendo e voltou para o segundo tempo cheia de moral. Um dos destaques da campanha no Catar, Bellingham obrigou Lloris a fazer milagre no início da etapa final. A pressão inglesa aumentou até os seis minutos. Saka invadiu a área e foi derrubado pelo autor do gol da França. Tchouaméni cometeu a infração.

No duelo entre os companheiros de Tottenham, Harry Kane pegou a bola, bater com perfeição, tirando Lloris de foto, e empatou o clássico europeu. Foi o segundo gol do artilheiro na Copa. Antes, ele havia marcado contra Senegal. Foi a senha para o início de um bombardeio à meta da França. No lance mais tenso, Maguire acertou a trave.

A França saiu das cordas aos 31', em uma cabeçada de Giroud para uma plástica intervenção de Pickford. O técnico Didier Deschamps só relaxou no minuto seguinte. Decisivo nos passes, Griezmann ergueu a bola na área e Giroud recolocou os franceses na frente. Após passar a campanha do título na Rússia inteira sem marcar, o maior artilheiro da história da seleção gaulesa alcançou a marca de 53 gols.

“Foi um jogo incrível. Sabíamos bem do potencial dessa geração de jovens talentos ingleses. Eles jogaram bem também, e nós impusemos um jogo sólido. Tentamos jogar muito bem no contra-ataque e fomos pressionar lá

na frente. É um orgulho total dessa seleção, e espero que a gente vá o mais longe possível”, destacou o herói francês.

Persistente, a Inglaterra partiu novamente em busca da igualdade e teve a oportunidade nos pés de Kane. O VAR auxiliou o árbitro goiano Wilton Sampaio na marcação de mais um pênalti a favor dos ingleses. O centroavante partiu para a bola e chutou alto, para fora. A França avança para enfrentar Marrocos. Há possibilidade de final entre Mbappé e Messi, desde que o amigo do Paris Saint-Germain também avance contra a Croácia.

Didier Deschamps, porém, não fez pouco caso da semifinal que terá pela frente. “Vamos passo a passo, temos que aproveitar e comemorar, agora é a preparação para o próximo jogo. Marrocos merece o reconhecimento. Claro que não fazia parte dos times que esperávamos ver aqui, mas enfrentamos grandes adversários, assim como eles tiveram grandes adversários até nos enfrentar”, pontuou.

+ INGLATERRA

Southgate: “merecíamos mais”

O técnico da Inglaterra, Gareth Southgate, disse que sua equipe, derrotada pela França, ontem, por 2 x 1, nas quartas de final da Copa do Mundo, “merecia mais” pelo desempenho mostrado em campo. Durante os noventa minutos, o English Team teve vários momentos onde foi mais incisivo no gramado. Porém, não conseguiu traduzir isso no marcador.

“Pelo nosso jogo, merecíamos mais, mas no final o que conta são os gols”, afirmou Southgate em entrevista coletiva. Quando perdia o jogo, o treinador viu como o capitão do time inglês, Harry Kane, perdeu nos minutos finais um pênalti que poderia ter levado o duelo para a prorrogação.

Porém, ele não colocou a eliminação na conta do artilheiro da Copa do Mundo de 2018. “Ganhamos juntos e perdemos juntos. Eles fizeram dois gols e nós perdemos algumas chances. Ele (Kane) foi fantástico para nós e muito confiável neste tipo de situação (cobranças de

Inglaterra 1

Pickford; Walker, Stones (Grealish), Maguire e Luke Shaw; Henderson (Mount), Declan Rice e Bellingham; Bukayo Saka (Sterling), Harry Kane e Phil Foden (Marcus Rashford)
Técnico: Gareth Southgate

França 2

Hugo Lloris; Koundé, Varane, Upamecano e Theo Hernández; Tchouaméni Rabiot; Ousmane Dembélé (Kingsley Coman), Griezmann e Kylian Mbappé; Giroud
Técnico: Didier Deschamps

Estádio: Al Bayt
Árbitro: Wilton Sampaio (Brasil)

França segue na caça pelo tricampeonato. Southgate lembrou a força do adversário que cruzou o caminho inglês no Catar. “Jogamos muito bem contra uma grande equipe e a decisão foi nos detalhes, esses pequenos detalhes que acabam decidindo o resultado a favor para um lado e não para o outro”, acrescentou.

Southgate parabenizou os franceses pela classificação. “Eles sabem que tiveram que fazer uma grande partida. Perdemos para uma grande equipe. Sinceramente, acho que não podíamos fazer muito mais”, comentou.

O técnico inglês reiterou que sua equipe estava no Catar para tentar ganhar o torneio. “Acreditamos que poderíamos ter conseguido”, disse. A Inglaterra levantou a taça da Copa apenas uma vez na edição de 1966. “E, com o jogo que fizemos esta noite, contra a campeã do mundo, acho, sinceramente, que temos time para brigar pelo título”, ressaltou.

Anne-Christine Poujoulat/AFP



Há seis anos no comando da seleção, Southgate não descarta o adeus

Ele fica?

No comando da seleção da Inglaterra desde a temporada 2016, Gareth Southgate evitou falar sobre o futuro no comando do English Team após a eliminação na Copa do Mundo. Mesmo com contrato válido até a Eurocopa de 2024, o treinador ressaltou que a continuidade sempre é ava-

liada após cada torneio.

“Nos reunimos, analisamos e refletimos. Precisamos de um pouco de tempo para que cada um tome boas decisões”, concluiu. Com a eliminação, o time inglês voltará para casa com a certeza de que ficará na fila do título mundial por, pelo menos, 60 anos. A próxima chance, ainda sem a certeza de ter Southgate, será em 2026.